

# ESTUDOS PSICANALÍTICOS SOBRE UMA TEORIA DA VITALIDADE PSÍQUICA A PARTIR DAS MARCAS DES- SUBJETIVADORAS DAS CATÁSTROFES HISTÓRICAS LATINO-AMERICANAS

Uma aproximação ao fenômeno do sentimento de estar vivo no modelo de precarização da vida do conflito armado colombiano

## Sergio Correa Villegas<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Doutorando na Universidade de Ciências Sociais e Empresariais (UCES). Especialista em Psicologia Clínica da infância e da adolescência - Universidade de Buenos Aires (UBA). Psicólogo - Universidade Católica de Pereira (UCP). Docente colaborador da Universidade de Buenos Aires (UBA). Psicólogo Clínico e Psicanalista. sergiocorreavillegas@gmail.com. Buenos Aires, Argentina/Pereira, Colômbia.

### Resumo

**O presente artigo de revisão teórica pretende repor a importância do fenômeno psíquico -raramente examinado dentro do campo psicanalítico- denominado como o sentimento de estar vivo, a partir de uma abordagem que aspire a interrogar quais são os lastros epistêmicos a examinar em vista de uma compreensão metapsicológica, ético-política e historicamente situada das novas expressões do sofrimento psíquico das subjetividades precárias e em risco de desumanização na América Latina. Nesta perspectiva, propõe-se analisar no caso da Colômbia a cronicidade do conflito armado mais antigo -e até hoje vigente- da região latino-americana e suas relações com as perturbações que adota o sentimento de estar vivo quando o modelo de realidade social deixa de ser garante dos enunciados identificatórios que possibilitam a existência cotidiana e passa a se tornar um complexo dispositivo de engrenagem econômico e político que favorece a emergência reiterada de catástrofes sociais no interior de uma cotidianidade ameaçadora para a preservação da vida psíquica e arrasadora de todos aqueles enunciados instituídos sobre a vida e a morte nos quais as subjetividades afirmam o seu direito a existir.**

**Palavras -chave :** Violência social, dispositivo de precarização da vida, qualificação dos afetos, Tópica do Eu, sentimento de estar vivo.

## I. Vidas precárias na América Latina: a violência social, a desconsideração dos afetos e a problemática do sentimento de estar vivo

*“Quando nos referimos espacialmente ao passado dizemos que está situado atrás e podemos apontar para trás indicando o que aconteceu. O futuro, pelo contrário, fica para a frente: o futuro é algo que nos leva para a frente. Existe uma língua de uma tribo andina {os aymaras} em que essa lógica se inverte: o passado fica adiante de nós, frente a nós: finalmente, só podemos ver o que já ocorreu e o futuro ainda desconhecido fica atrás de nós, pois não o vemos”. (Garcia, M, 2020)*

A América Latina nasceu e viveu na feia violência, e foi aprendendo que ela era <necessária>; e que devia ser justificada na lei. (A. Uribe, 2005). É assim que desde o *genocídio fundacional*, passando pela constituição dos Estados modernos da região, até chegar aos modelos sociais de *precarização da vida* do presente latino-americano; a *violência social* -ainda na diversidade de suas configurações, agências e transformações- constituiu-se como a matriz dominante de subjetivação no campo sócio-histórico latino-americano.

Uma das propostas transversais deste texto busca estabelecer quais são as condições específicas e as categorias necessárias que requer a abordagem das subjetividades em condição de risco de desmantelamento e as novas expressões do sofrimento psíquico na América Latina. Desta forma, para além das particularidades de cada região latino-americana, propõe-se a ideia de um *dispositivo*<sup>1</sup> comum que corresponde a um modelo geopolítico do capitalismo tardio aplicado nestas sociedades mal chamadas periféricas e que pensamos denominar -pela classe de efeitos de desmantelamento sobre a subjetividade que produz- como o dispositivo de *precarização da vida*<sup>2</sup>.

1 Se recupera a linha de trabalho em relação à noção de dispositivos de produção de subjetividade desenvolvidos desde os sistemas teóricos de M. Foucault (*dispositivo*) e F. Guattari (*Equipamentos Coletivos*). A respeito do primeiro se entende como uma rede de relações sociais construídas em torno de um discurso: leis, políticas, instituições, disciplinas, saberes científicos, filosóficos, psicológicos, concepções morais, etc. (Foucault, 2006, pp. 66-67). De uma vereda próxima, F. Guattari propõe uma “heterogeneidade dos componentes que agenciam a produção de subjetividade. Encontramos assim: 1) componentes semiológicos significantes manifestados através da família, da educação, do ambiente, da religião, da arte, do desporto...; 2) elementos fabricados pela indústria dos meios de comunicação, do cinema, etc., e 3) dimensões semiológicas a-significantes que põem em jogo máquinas informacionais de sinais, funcionando paralelamente ou independentemente do facto de que produzem e veiculam significações e denotações, e escapando, portanto, às axiomáticas propriamente linguísticas” (1992, P15).

2 Trata-se de um dispositivo (retomando alguns problemas expostos por G. Agamben, 2004; J. Butler, 2006; R. Sennett, 2000; M. Fisher 2016) configurado a partir da combinação de: 1.) **A precariedade das condições materiais de existência:** relativo aos modelos de sociedade fundados em economias neoliberais latino-americanas onde predomina a flexibilidade do trabalho e seu caráter servil; escravista do emprego e do salário; a persistência das baixas remunerações em que os níveis de desemprego aberto correspondem aos níveis crescentes de pobreza extrema; a marginalidade e a ausência de um projecto social comum, etc. 2.) **A precariedade de um modelo histórico social do viver reduzido à sobrevivência:** o sujeito é reduzido à sobrevivência biológica e às suas condições autoconservativas de existência.

Isto incide na produção de estados de alienação e desassossego diante da sistemática fratura do pacto interhumano por parte das violências sociopolíticas. A luta pela sobrevivência é correlativa ao abandono parcial ou total de toda aspiração distinta que não seja a imediatez das necessidades primárias. 3.) **A precariedade diante da fragilidade das instituições:** especialmente pensar na passagem de um Estado Benfeitor para um Estado Economicista das instituições e desde ali as vicissitudes que isto implica na construção de memórias coletivas. 4) **A precariedade nas geografias:** associada ao avanço da predação de territórios, a exploração extrativista nas minas e no agro, as economias do narcotráfico, os grandes fluxos migratórios e as deslocações forçadas da população, entre outras.

*Precarização da vida* é então: A). Um dispositivo de *des-sensibilização*<sup>3</sup> através da apropriação dos corpos e dos regimes globais de produção do sensível. Trata-se de um dispositivo de saber-poder que atravessa as estruturas nucleares da subjetividade humana mediante tecnologias de subjetivação que gerem as economias afetivas da vida psicossocial. Nesse sentido se constitui como B) conjunto de pedagogias sociopolíticas baseadas no terror, a crueldade, a indiferença e a impunidade; justificadas no regime de racionalidade característico da *violência social* como paradigma unificador deste modelo de subjetividade. C). Trata-se de um dispositivo que desde os próprios enunciados que o sustentam define-se como uma fábrica potencial de subjetividades em risco. A hipótese a trabalhar remete a interrogar quais são as formas de expressão que adquire no dispositivo de precarização da vida a maneira em que o Eu produz uma *experiência sobre a vida* como lugar de produção da verdade histórica vivencial do sujeito psíquico. O dito anteriormente implica a idéia de uma sobredeterminação dos efeitos subjetivos e coletivos do fenômeno da violência social na América Latina. É necessário advertir -retomando a equação freudiana do trauma (1895; 1915)- a necessidade de revisar um de seus termos dada

---

3 Propõe-se resgatar o problema colocado pelo *giro afetivo* que propõe S. Ahmed (2019) em relação à pergunta sobre como se edificam e funcionam as *economias afetivas* no interior de políticas culturais geopoliticamente situadas. É neste contexto político e ideológico que se percebe a eficácia subjectiva que tem a representação social dos *sentimentos* desde a sua *capacidade plástica e indeterminada, que faz com que possam ser invocados por um amplo espectro de ideologias, o que nos desafia a investigar suas formas de circulação específica, seus comportamentos erráticos, seus modos de aparição contraditória e seus significados políticos em permanente disputa.* (P17). Esta rota conceitual permite interrogar qual é a relação que está subjacente entre o sentimento de estar vivo e as atuais economias afetivas dos dispositivos de precarização da vida a partir dos quais se modulam os afetos da cotidianidade da vida social: no interior dos laços sociais e nas contingências aconteciais do viver.

a especificidade que adquire nestas latitudes geográficas a magnitude da *força traumática*. Isto significa que, além do peso da *idoneidade determinante*<sup>4</sup> e do trabalho simbolizante do Eu<sup>5</sup> como funções centrais quando o aparelho psíquico deve processar os estímulos provenientes do exterior; é necessário advertir que no caso da América Latina, a *força traumática* do acontecimento possui uma característica agravante relativa à potencialidade desorganizante que é determinada não só pela magnitude traumática do acontecimento na sua singularidade, mas é também o resultado de um contexto social edificado sobre a acumulação durante décadas de traumatismos sociais não elaborados coletivamente.

Recuperamos nesta linha de trabalho, os desenvolvimentos de J. Puget (2006; 2018) sobre a *violência social* na América Latina para recuperar as investigações sobre os estados psíquicos associados a momentos posteriores de catástrofes sociais ou traumatismos históricos graves denominados como *perplexidade*, *obnubilação* ou *consciência difusa (numbing)*; todos eles, relacionados com fenômenos de explosão psíquica onde existe um excesso que atinge o sistema de representações em relação à própria existência dos sujeitos. Menciona a autora:

*A violência social prolongada cria um estado de ameaça social. Trata-se de uma condição mental onde o Eu perde a possibilidade de reconhecer índices segundo os quais discriminar hierarquicamente o perigo proveniente do mundo externo, imaginação e realidade, vida e morte; produz-se um estado de confusão e paralisia, bem como o fracasso de funcionamentos paranoides inúteis (p.36)* Continua em outro texto: *A violência social é pensada não só como ligada aos grandes genocídios, mas também à vida diária, à falta de trabalho criadora de “desexistentes” à violência em si, nos seus diversos contextos, ao efeito das políticas económicas, à qual o psicanalista poderia exercer quando tenta reduzir a subjectividade social à subjectividade do sujeito consigo mesmo, o que responde a uma negação dos efeitos da realidade social (J. Puget em: N. Carlisky, J.J. Falcone, N.R. Raffaeli, P14)*

---

4 Entendida como a eficácia interna que dita os modos singulares a partir dos quais o traumático tem efetividade na produção intrapsíquica.

5 A tópica do Eu como instância que produz as ligações necessárias durante a trajetória vital para significar não só o sentido da vida, mas as defesas simbolizantes com as quais se defende do embate com a realidade. Por isso é claro notar que quando se afirma que o *epicentro do traumatismo está na cabeça de cada um* (fazendo referência à conhecida expressão de S. Bleichmar: *o epicentro do terremoto está na cabeça de cada um*) (2010a) O que se quer enfatizar é o reposicionamento do sujeito como quem tem o patrimônio da qualidade.

Nesta ordem de ideias, os processos de des-sensibilização da vida individual e coletiva são o resultado da incidência dos diferentes dispositivos da violência social que impõem -mediante um estado prolongado de ameaça social uma modificação radical da economia afetiva das subjetividades. Neste caso, propõe-se um modelo de abordagem correspondente ao campo de problemáticas definidas como o fenômeno psíquico do *sentimento de estar vivo*<sup>6</sup>.

## II. Colômbia: um passado que permanece irreparável. Entre a vida e eu, um cristal mínimo. Por mais que veja e compreenda a vida muito claramente, não posso tocá-la<sup>7</sup>

Na vastidão da América Latina, o *conflito armado na Colômbia* se eleva como modelo paradigma que expõe, desde sua suficiente complexidade, a cronicidade de uma proposta de subjetividade inserida historicamente em *geografias* marcadas pelo terror<sup>8</sup>, a degradação acelerada da devastação social e a emergência cada vez mais potente de processos de desconstrução da figura do *semelhante*.

Desta maneira, é conveniente situar a Colômbia como um dos modelos paradigma de produção de subjetividades em risco da América Latina, não só pela radicalização do modelo social da *precarização da vida* mas também pelos efeitos potencialmente destrutivos que impõe a edificação de um modelo social-político baseado em um diagrama de poder de *governabilidade bélico*<sup>9</sup> e o avanço das chamadas *necropolíticas*<sup>10</sup> como eixos principais do ordenamento coletivo na multiplicidade de territórios na Colômbia.

6 Consideram-se como expressões equivalentes utilizadas neste texto as noções de sentimento de estar vivo/sentimento de vida/sentimento de vitalidade, sentir a vida.

7 A obra de F. Pessoa e particularmente o *Livro do desassossego* (2004) representam um marco fecundo para a análise literária de experiências sobre o *estar vivo* desde o conflito inerente à escritura, as vicissitudes da criatividade e a experiência falhada da vivência do si mesmo.

8 É uma alternativa conceptual-metodológica proposta por U. Oslander (2008) em seu trabalho com comunidades do pacífico colombiano afetadas pela devastação e esquecimento que deixaram e continuam a impor o conflito armado nessas geografias colombianas historicamente invisíveis. Esta categoria de *geografias do terror* é a que permite dimensionar as fraturas sobre a vida que caracterizam as experiências de sujeitos e comunidades habitando seus próprios territórios desde o *terror* e o *terrorismo*.

9 Faz-se referência à investigação de D. Onofre (2014) com vista a recuperar a ideia foucaultiana de uma produção de subjetividade que inclui, por um lado, as tecnologias de governo e a sua racionalidade económica, as técnicas de gestão de desejos e liberdades na administração de populações, etc.; e, por outro lado, as práticas coercivas e repressivas inerentes às guerras, racionalidades bélicas que polarizam confrontos e estratégias discursivas que legitimam e perpetuam fins económicos.

10 Retoma-se a categoria de *necropolíticas* de A. Mbembe (2011) entendida como uma interpretação foucaultiana e descolorativa do biopoder (política da vida) em contextos denominados equívocamente como da periferia mundial. A regulação da vida, diz o autor, transformou-se em regulação da morte no interior de condições extremas de precarização da vida imposta pelo capital em certos contextos no mundo. Uma das características talvez mais importantes do dispositivo necropolítico é a *acumulação por desposamento* (A. Estévez citando Harvey, 2018) entendida como a modalidade do direito soberano de matar como característica particular de sociedades onde o Estado de exceção (o estado sistemático de emergência descrito por Agamben) é permanente.

*O ar está cheio dos nossos gritos. Mas o costume ensurdece*<sup>11</sup> pode ser uma maneira não tão metafórica de mapear os efeitos diretos, indiretos, colaterais, de transmissão intergeracional; mesmo, as marcas até agora não acessíveis no presente pelas mesmas limitantes de nossa compreensão. Estas marcas foram os modos de inscrição de um *passado* que, pela sua impunidade, foi por nós ultrapassado num estado irreparável, um *passado* que não só *não passa*<sup>12</sup>, mas permanece sempre presente na sua capacidade destrutiva.

Neste sentido, é conveniente situar as novas formas do *sofrimento psíquico* e *coletivo* na Colômbia em sua remissão inevitável em relação ao que significa a maior herança histórica da nação: o *modelo de uma sociedade da guerra* e uma proposta de subjetividade fundada na *violência social*. Na Colômbia, à exceção da *esperança* como resistência coletiva, poderia dizer-se que a violência cobriu tudo até agora: desde o mais profundo da sua composição, direta ou indiretamente todas as realidades construídas e produzidas estão atravessadas por um sistema de produção e re-produção social, econômico, ético-político e cultural baseado<sup>13</sup> no modelo neoliberalista extrativista da guerra, a corrupção Estado, os diferentes dispositivos da violência-crueldade e as economias do narcotráfico.

Na Colômbia, os dispositivos estatais e paraestatais de violência implementados na acumulação de capital -através da captação mesquita<sup>14</sup> a todo custo da posse da terra- constituíram durante décadas o motor dos piores atos destrutivos sobre a condição humana antes vistos nesse país: a violência e a crueldade desdobrada ao longo e largo de todas as ordens do conjunto heterogêneo da sociedade; os crimes contra a humanidade, como o rapto em todas as suas formas, o desaparecimento de civis e as valas comuns às mãos de grupos paramilitares do Estado e também de grupos guerrilheiros, os massacres de comunidades inteiras, o assassinato de líderes sociais e a utilização de fornos crematórios, o recrutamento forçado de menores para a guerra, o terrorismo de Estado, o assassinato de crianças; a criminalização histórica do protesto social e a estigmatização das juventudes; a pobreza e a desigualdade levadas a condições extremas de decomposição social, etc.

11 Referência extraída do texto de 1952: Esperando Godot de Samuel Beckett.

12 O presente colombiano acontece como a perpétua insistência daquilo destrutivo que se repete de um passado que permanece impune e irremediavelmente irreparável. O impossível de reparar é o testemunho dos sofrimentos provocados em todas as escalas da composição humana que continuam ainda hoje empurrando para o abismo por fora da memória coletiva. É um presente que deriva da impunidade por parte do Estado perante os mais de 120.000 rostos de pessoas desaparecidas ao longo do *conflito armado*.

13 Seguimos a linha trabalhada por E. Restrepo (2004): *Como em qualquer dos cantos do país (...) a generalização do confronto armado, o posicionamento do narcotráfico, a intromissão dos interesses do modelo de desenvolvimento capitalista e a existência de instituições estatais largamente deslegitimadas tiveram efeitos desestruturantes nos tecidos sociais e agendas das populações locais* (P19).

14 Menciona O. Almario (2004): *Na Colômbia de hoje torna-se dolorosamente legível tanto a profundidade desta herança de discriminações e horrores que caracterizou a história do Ocidente, como o alto grau de potenciação que alcançaram os velhos preconceitos desse imaginário coletivo, estimulados, redefinidos e exacerbados pela cultura da guerra contemporânea, como se pode constatar pelas ações violentas que se adiantam especialmente contra os negros ou afrodescendentes e outros grupos étnicos no Pacífico colombiano e que constituem um autêntico etnocídio-genocídio.* (P76).

Finalmente, é necessário interrogar o tipo de fenômenos psíquicos que podem apresentar-se ante a cronicidade e impunidade dos processos de desmantelamento e precariedade da vida na Colômbia. Na sequência dos desenvolvimentos de S. Bleichmar (2002; 2007) em torno da noção de *Dor país*<sup>15</sup>, estas análises podem perfeitamente ser transferidas para os objectivos do presente texto, ou seja, pensar as características do dispositivo da precariedade da vida na Colômbia em relação a uma particular predominância de transtornos psíquicos que não conseguem formas sintomáticas de maior grau de simbolização<sup>16</sup>. Esta é a hipótese em relação aos grandes traumatismos sociais: *a impossibilidade de constituição de sintomas a partir do facto de os modos de traumatismo repetidos não permitirem a normalização psíquica* (P13).

O exposto permite formular a pergunta por: Quais são alguns dos efeitos para a experiência do *sentimento de estar vivo* quando a própria realidade deixa de ser garante dos enunciados que possibilitam a existência cotidiana e passa a converter-se num complexo dispositivo de engrenagem econômico e político que favorece a emergência de traumatismos sociais no interior de um quotidiano potencialmente avassalador das legalidades instituídas e desconstrutivas dos modos habituais com que os sujeitos organizam a realidade?

### III. “Você aprenderá a não chorar”: uma aproximação aos processos de subjetivação na Colômbia

As novas expressões dos sofrimentos psíquicos na Colômbia apresentadas comumente em vítimas do conflito armado levam a refletir sobre qual é o estatuto de todos aqueles emergentes psicopatológicos relacionados a catástrofes históricas que desafiam uma compreensão tradicional de nossas teorias e tornam evidente as limitações do método,

---

15 Resgatar a fecundidade da proposta exposta em *Dolor País* significa -antes de tudo- uma maneira de *fazer trabalhar* a teórica psicanalítica ante o desosiego psíquico e a devastação social naquele então refletido na iminência catastrófica dos indicadores estatísticos de risco da Argentina de 2001; reformulados posteriormente por S. Bleichmar desde uma Metapsicologia capaz da codificação de índices que dessem conta de um certo tipo de sofrimento humano determinado pelo *mal-estar excedente* daquela época: o que se caracteriza pela crueldade e pela violência exercida tanto pelas instituições de Estado como pelo outro semelhante e irredutível.

16 É conveniente contrastar este tipo de afirmações com as estatísticas sobre saúde mental na Colômbia nos últimos anos. Retomamos o relatório especial da *Gestar Saúde* (2021) sobre o estado da saúde mental na Colômbia caracterizada como um estado à beira do abismo. É mencionado neste artigo: *a autoridade estatística apresenta conclusões que revelam como a preocupação aumentou em coincidência com os picos da pandemia e o humor piorou. São as pessoas de 10 a 24 e de 25 a 54 anos as que manifestaram sentimentos de preocupação ou nervosismo, “cansaço”, “solidão”, “tristeza”, “dores de cabeça ou estomacais” e “dificuldade para dormir” em maior proporção.*

enquanto não constituem em sua maioria nem uma resposta pós-traumática, nem o estado agudo de alguma doença; mas se expressam<sup>17</sup> por exemplo em certos processos psíquicos defensivos -muitas vezes secundários a traumatismos ou duelos inetrabalhais- com o qual o Eu (de um aparelho normoneurótico já constituído) tenta encontrar alguma via de resolução ao traumatismo.

Menciona A. Berezin (2013) sobre o caráter das intervenções realizadas com vítimas de violência de Estado na América Latina:

*As pessoas não estão doentes, mas foram vítimas da violência do terror; não estamos perante respostas do lado da patologia que requerem tratamento terapêutico, mas de catástrofes sociais que requerem um trabalho psíquico de elaboração que não patologe respostas próprias do ocorrido (...) Julgaríamos estes mecanismos como precários ou precários e supor-lo-íamos ligados ao patológico ou à pulsão de morte, em situações que não sejam estritamente de sobrevivência. No caso de pessoas que foram vítimas (...) não as consideramos do lado do patológico. Pelo contrário, esses mecanismos psíquicos de defesa foram os que permitiram desenvolver ações e estratégias para sobreviver a situações extremamente traumáticas de violência e ameaça. É importante ter isto em conta e relacioná-lo com os sentidos que adquirem as situações vividas, para permitir um trabalho de elaboração não patologizante de respostas próprias ao ocorrido (P23).*

Em 2003, a *Human Rights Watch*<sup>18</sup> publicou um relatório sobre o recrutamento forçado sistemático de crianças e adolescentes durante o conflito armado na Colômbia. Este relatório se intitula *you will learn not to cry*, referindo-se a uma frase comum e invariável na maioria dos testemunhos de crianças e adolescentes durante sua permanência no conflito armado. É inescapável não pensar que é precisamente a afirmação -imperativa - *you will learn not to cry* que representa talvez um emblema chave que retrata em sua profunda complexidade o núcleo a partir do qual a produção de subjetividades se tornou efetiva e o campo social foi dessensibilizado desde as últimas décadas da história da Colômbia. Por isso é necessário apelar para a defesa do choro - como descreve Derrida (1990)<sup>19</sup> - em favor da conservação do que é talvez uma das manifestações mais genuínas da persistência do *viver* na vida de cada sujeito.

17 Propõe-se de maneira tentativa as relações entre as perturbações no sentimento de estar vivo causado pela violência social e alguns fenômenos psíquicos apresentados por vítimas do conflito armado na Colômbia. Estes últimos se relacionam com estados anímicos que não conseguem uma estabilização sintomática, mas sim se convertem a modo de compulsões e passagens ao ato produzidos por desregulações da economia psíquica; estados de angustias massivas que não conseguem formas de ligação; caracteropatias; psicossomáticas; violências cegas; formas larvas de duelos prolongados; tentativas compulsivas de supressão tóxica da dor psíquica; coagulações entre o amplo espectro dos estados depressivos e as diversas expressões da melancolia tais como a apatia, sentimentos de futilidade e abulia; a falta de projetos vitais e a sensações de perplexidade; o desenraizamento de si mesmo nas chamadas *problemáticas do vazio*; os défices nos processos de simbolização que deixam o sujeito livre ao efeito desligante da pulsão de morte; entre outras.

18 É uma organização não governamental dedicada à investigação, defesa e promoção dos direitos humanos.

19 Derrida (1990): *Se os olhos de todos os animais estão destinados à vista, e desde ali talvez ao saber escópico do animale rationale, o homem é o único que sabe ir além da visão e do conhecimento, porque é o único que sabe chorar (...) Ele é o único que sabe que as lágrimas -e não a vista- são a essência do olho (...) Cegueira reveladora, cegueira apocalíptica, a que revela a verdade própria dos olhos seria o olhar (Gaze) velada pelas lágrimas.*

Assim as coisas, a produção de subjetividade na Colômbia tem sido a produção de subjetividades no limite do existir e com isso também as *defesas* e os *modos de simbolizações* habituais ficam suspensos<sup>20</sup> como efeitos de acontecimentos com potencialidade traumática que irrompem diariamente na vida coletiva e individual, ameaçando imperiosamente os modos com os quais cada sujeito conseguiu representar-se até esse momento os critérios da sua existência.

#### IV. Uma proposta metapsicológica sobre o sentimento de vida

*“De repente, como se algum destino feiticeiro chegasse a me operar de uma antiga cegueira com resultados imediatos, levanto a cabeça, desde minha existência anônima, para o claro conhecimento da forma como eu existo (...) é tão difícil de descrever o que se sente quando se sente que alguém existe realmente e que a nossa alma é uma entidade real; tão difícil que não sei com que palavras humanas poderia defini-lo”. F. Pessoa*

Os desafios que promove este ensaio não são outros que à insistência por visibilizar o caráter impostergable que adquire atualmente na prática psicanalítica a necessidade de incorporar uma compreensão metapsicológica, ético-política<sup>21</sup> e historicamente situada que permita identificar quais são os lastros epistêmicos a examinar na abordagem das novas expressões do sofrimento psíquico, talvez uma das mais dolorosas e desconsolantes para o fenômeno da vida humana, como é a *perturbação do sentimento de vida*.

Se a premissa de início estabelece que o dom de ter uma vida não é garantia da experiência de ser sentida, então resulta mais que necessário propor uma defesa teórica desde o campo psicanalítico, em nome de estudar, interrogar e denunciar os efeitos sofridos que acompanham

20 Menciona a respeito S. Bleichmar (2020):  
É impossível que um sujeito possa suportar a desestruturação do mundo em que vive mantendo-se mais ou menos armado. É um jogo muito complexo o que se dá, porque no momento em que este mundo cai, caem também os enunciados de cercamento do mundo, o que leva o sujeito a uma queda geral da lógica que o sustenta e que o leva a repensar se a lógica com a qual sustenta sua própria estrutura é uma lógica que pode ser conservada. Por isso, a explosão do mundo põe em risco permanentemente a explosão do sujeito. E ao mesmo tempo, um dos problemas mais sérios que este estouro do mundo coloca é que obriga o sujeito a uma espécie de naturalização da explosão (p432).

21 Embora a prática psicanalítica não seja um método destinado a ser aplicado aos processos de produção da subjetividade, nem tenha a função de produzir mudanças sociais, é necessário observar que toda prática psicanalítica tem efeitos políticos, não apenas sobre o assunto, mas também como um dispositivo de saúde mental no qual ela está inserida. Fica claro então que quando falamos de uma defesa ético-política estamos nos referindo ao exame das posições sobre a vida humana que estão subjacentes ao processo de teorização das teorias psicanalíticas, entendendo isto como um processo de construção conceitual no qual participa todo o conjunto de significados sociais, entendidos como formas de representar o sujeito na história social.

a perturbação do sentimento de vida quando a cotidianidade social se edifica sobre a cronicidade de traumatismos sociais, processos acelerados de desobjetivação e a radicalização de pedagogias de des-sensibilização para a vida.

Uma vez enquadrados os eixos problemas teoréticos a trabalhar, é necessário colocar qual é o tipo de discussão metapsicológica que se pretende introduzir a partir de uma suposta teoria da vitalidade anímica.

Em termos gerais, a proposta sobre uma teoria da vitalidade na vida psíquica é necessária já que não existe<sup>22</sup> no campo psicanalítico -ou pelo menos não em um estado explícito e sistemático- uma teoria formalizada sobre aquilo que se denomina como o sentimento de estar vivo; assim como não se encontra nenhuma teorização cuja ênfase remetesse para os efeitos na vitalidade psíquica ocasionados pelo desmantelamento da subjetividade no contexto não só das catástrofes coletivas, mas também em torno da capacidade ameaçadora que implica para a preservação do sentimento de vida a imposição de um modelo biopolítico de sobrevivência biológica da vida.

A título de justificação epistêmica propõe-se a necessidade de reposicionar o valor<sup>23</sup> de uma teoria sobre a vitalidade psíquica e o sentimento de vida, a partir da criação de um programa de trabalho<sup>24</sup> que faça

22 Embora seja necessário reconhecer a importância de desenvolvimentos teóricos e clínicos de enorme valor descritivo e metapsicológico sobre o sentimento de vida desde vários setores do campo psicanalítico (por exemplo pensado desde a diversidade de modelos em Freud, os desenvolvimentos de Winnicott, também na psicologia do si mesmo, os desenvolvimentos da escola inglesa, a heterogeneidade da psicanálise francesa, ou as pesquisas latino-americanas da obra de D. Maldivsky, entre muitos outros), não deixam de ser investigações que se mantêm certamente inconciliáveis entre si; deixando entrever as distâncias epistêmicas -muitas vezes abismais- entre os diversos modelos de aparelho psíquico nas teorias psicanalíticas dificilmente integrais umas às outras pelas suas condições epistemológicas de incomensurabilidade.

Problemática tal que pode ser lida desde a *crise de entendimento das teorias psicanalíticas* (A. Green, 2000) subjacente à fracassada sistematização das teorias psicanalíticas, às dramáticas “internas” de poder-saber ao longo do tempo entre as comunidades psicanalíticas.

23 Os desenvolvimentos conceituais referentes ao sentimento de vida são propostos para serem entendidos como declarações *mistas* (Klimovsky, 1994, p73) nas quais é possível contrastar e fazer uma ponte entre os dados teóricos e os empíricos.

24 Esclarece-se que o modelo epistêmico e metapsicológico de aparelho psíquico é o marco teorético que denominamos como a rota de *trabalho S. Freud-J. Laplanche-S. Bleichmar* desde onde se postula a idéia de um aparelho psíquico *aberto ao embate do real e por isso ao traumatismo, à metábola e ao après coup*. Desde este modelo de trabalho sim consideram-se contribuições de outros autores psicanalíticos mas só com o fim de retomar problemáticas de trabalho que desde ali sejam possíveis resgatar e não necessariamente isto implica acordar com a diversidade de modelos metapsicológicos que promulgam as diferentes teorias psicanalíticas e geralmente acabam por se revelar dissidentes e incomensuráveis entre si. (Kuhn, 1962).

trabalhar<sup>25</sup> os conceitos<sup>26</sup> neste caso da proposta de uma psicanálise extramuros (S. Bleichmar, 2010a) que responde a determinado marco descritivo e prescritivo (J. Laplanche, 1987; S. Bleichmar, 1993)<sup>27</sup>. De acordo com isto, o caráter crônico que adquirem os processos de desmantelamento da subjetividade no modelo da precariedade da vida na Colômbia, se caracteriza pela emergência reiterada ao longo de décadas de traumatismos históricos e circunstâncias particulares da cotidianidade da vida onde o embate do que acontece -tanto interna como externamente- tem um tal nível de força traumática que dificulta que algo se recomponha ou reorganize psiquicamente<sup>28</sup>. A este respeito, o critério pelo qual se define o caráter de perturbação no sentimento de vida está associado em princípio à idéia de um psiquismo transitoriamente desmantelado pela tentativa fracassada de domínio e de ligação das excitações avassaladoras que transbordam sua capacidade metabolizante. Propõe-se então o percurso de um mapa conceitual a partir do qual se tenta problematizar os elementos que compõem uma possível teoria sobre a vitalidade psíquica a partir de dois eixos: 1) A vitalidade psíquica entendida desde a composição e o funcionamento geral da vida representacional. Desde ali se introduz como unidade específica de análise e como modelo paradigma de uma teoria da vitalidade psíquica, o fenômeno denominado como 2) o sentimento de vida definido a partir da representação que o sujeito tem de sua própria existência.

25 Continua-se a linha proposta por Canguihem (1968) em relação a determinar que os conceitos não são visões do espírito nem princípios dogmáticos, mas ferramentas e modelos (p116) Continua dizendo: *trabalhar um conceito significa fazer variar a sua extensão e compreensão, generalizando-o mediante a incorporação de características de exceção, transferindo-o para fora de sua região de origem, tomando-o como modelo ou, ao contrário, buscando-lhe um modelo; em síntese, conferindo-lhe gradualmente, em virtude de transformações reguladas, a função de uma forma. O pensamento científico contemporâneo se caracteriza, diz Bachelard, «por um enorme poder de integração e uma extrema liberdade de variação»* (p218)

26 Neste sentido se recupera o que se propõe por Klimovsky (2008): *para fazer psicanálise é preciso uma teoria onde estejam as hipóteses que digam como se compõem os objetos internos, os orbitais, a repressão, mas não é necessária uma interpretação metafísica sobre o que está por trás do conceito; o que se tem que saber é como se comportam, que relação há com o observado e que poder explicativo possuem.* (p241).

27 Os desenvolvimentos sobre os quadros Descritivos e Prescritivos remontam aos aportes de J. Laplanche (1987) recuperados por S. Bleichmar (1993) em torno da pergunta por como enquadrar as problemáticas epistémicas sobre o objeto e o método. Nesse sentido, a proposta corresponde a quadros epistémicos que dão conta de uma modalidade para pensar a psicanálise como uma teórica composta por dois grandes níveis inextricavelmente articulados entre si. Em relação ao primeiro nível, o marco Descritivo define-se como o modelo teórico que o psicanalista tem a respeito da constituição psíquica, da psicopatologia e dos determinantes do sofrimento psíquico. E por outro lado, o quadro Prescritivo de segundo nível que indica o tipo de abordagens metodológicas, as estratégias técnicas e as intervenções clínicas. A articulação entre estes dois níveis permite uma coerência no campo da prática psicoanalítica pensada como a práxis onde se executam ações concretas.

28 Segue-se a linha de trabalho exposta por M. Ulriksen-Viñar (2006) *A atividade de pensar, a capacidade de discriminação e de síntese, a de estabilidade temporo-espacial, junto à estima de si mesmo, todas funções ancoradas no narcisismo, pode ser profundamente alterada em situações de ameaça extrema. A organização da personalidade é enfraquecida pelo sofrimento prolongado; as defesas adaptativas cedem e seu funcionamento deve ajustar-se à sobrevivência.* (P107-108).

No primeiro eixo, o ponto de partida para propor uma teoria sobre a vitalidade da vida psíquica consiste em remete-la exclusivamente aos modos da simbolização mediante os quais um aparelho psíquico organiza a própria composição da vida representacional. Isto quer dizer que a noção de vitalidade psíquica está definida pela capacidade dinâmica do psiquismo em produzir -consoante sejam os níveis de complexidade alcançados até esse momento por esse aparelho psíquico- processos de simbolizações, ligações, transcrições, re-montagem e re-composições, formas espontâneas de equilíbrio e desequilíbrio, etc. que vão muito além do processo de conhecimento em si. Perda de vitalidade psíquica é a última perda da capacidade simbolizante de um aparelho psíquico em determinados momentos de sua trajetória de vida.

No segundo nível, o sentimento de vida é definido como um estado psíquico em termos de uma experiência afetivamente significativa, produzida pela organização narcisista do Eu e as formas de representação com as quais o sujeito localiza sua existência. Nesta ordem de ideia, a defesa ou abandono da vida como posição ideológica do sistema de representações de si no sujeito -em todos os seus termos- é sempre uma luta desde a vida representacional<sup>29</sup>. Isto quer dizer que cuidar do desejo de existência é mais uma conquista sobre a complexidade psíquica e não é um derivado filogenético nem um propósito da vida biológica. O desejo de vida desde esta perspectiva se posiciona em franca descontinuidade em relação à vida biológica.

### **V.O sentimento de estar vivo desde a perspectiva da qualificação dos afectos**

Quanto ao processo de qualificação dos afectos, é necessário situar tanto o fenômeno da vitalidade psíquica (dinâmica da vida representacional) como o sentimento de vida (a representação de si que o sujeito tem de sua própria existência), ambos remetem para o problema de como se inscreve e se processa a realidade em diferentes momentos da constituição e o funcionamento do aparelho psíquico. Nesse sentido, por um lado, a vida representacional supõe um tipo de inscrição da materialidade representacional, a forma como emerge, as correntes da vida psíquica e suas dominâncias patológicas, e por outro lado, há o problema (determinação vs autonomia) da representação social instituída e sua influência na representação que o sujeito tem de si mesmo.

---

29 Desta forma, propõe-se entender o sentimento de vida como o resultado da integração das próprias vivências em termos de experiências significativas que permitem ao Eu afirmar-se no interior de uma continuidade existencial. Trata-se em última análise da experiência do sentido de viver: *“estar vivo é estar sempre numa situação, num contexto, um mundo”* (F.J. Varela, et al., 1992).

Seguindo os desenvolvimentos freudianos (1895) que S. Bleichmar (2020) recupera, aludindo ao fato de *que a realidade externa não só afeta o sujeito, mas também o constitui* (p362), é preciso especificar que tanto a vida representacional como o ordenamento narcisístico que proporciona o sistema de representações do sujeito sobre a sua existência, dão conta de um sujeito que se constitui e é constituído pela realidade social, histórica e material.

Neste sentido, a questão sobre as quantidades que o aparelho percebe e registra nos translada ao problema que refere o programa metapsicológico de trabalho freudiano<sup>30</sup> (1895) a partir do qual se define o problema da realidade em vários sentidos, entre eles, considerar a realidade como o campo heterogêneo que impacta permanente o psiquismo. Seguindo os desenvolvimentos de S. Bleichmar (2022) a este respeito, é necessário definir as modalidades com as quais a realidade externa opera em termos de seu caráter instituinte (C. Castoriadis, 1997) e, sobretudo, uma realidade externa que opera sob duas formas: uma que se torna significativa e outra que não é significativa.

O importante a recuperar desta problemática é que a realidade exterior pode ser *significada* ou *não significada* para o sujeito, determinando assim o tipo de destino que pode chegar a ter na tópica psíquica. Desta forma, a realidade não significativa remete então à ordem traumática: *o traumático está na borda entre o significativo e o não significativo. O que escapa ao traumático é o não significativo, mas se não houvesse uma ordem de significação que beira ao traumático não seria traumático. É precisamente o fato de estar na beira que constitui o traumático* (S. Bleichmar, 2016, p364).

Retomando o eixo de trabalho sobre o sentimento de vida, é preciso advertir que a produção de um sentimento de vida por parte do Eu é o resultado das formas de re-equilíbrio econômico que produz a tópica do Eu no processo de qualificação da própria vida afetiva. A hipótese neste sentido reside em pensar que só é possível a produção de um sentimento de vida a partir de um processo de ligação. No entanto, não basta atribuir o sentimento de vida exclusivamente desde o processo de ligadura, é necessário identificar que tipo de ligadura e as especificidades dos seus níveis de complexidade-simbolização.

---

30 O importante a destacar na problemática freudiana, é que o mundo exterior opera como um *continuum* e o que ingressa no aparelho psíquico tem o caráter de descontínuo. O que é necessário examinar disto é qual é o tipo de realidade que é capaz de incidir em determinado momento no funcionamento do aparelho e através de que formas o consegue.

A proposta sobre os diferentes níveis com que a ligação opera no aparelho psíquico é o que permite compreender os modos de trabalho psíquico em torno da ligação que se implementam no momento em que se produz um *matiz afetivo*<sup>31</sup> dos processos puramente quantitativos. O trabalho psíquico de ligação permite a passagem do quantum de afeto à instância subjetivizada dos sentimentos. Isto quer dizer que, além da *descarga do afeto* e da *percepção da descarga* como processo inerente ao desenlace do afeto no aparelho psíquico, é o matiz afetivo que introduz o processamento representacional e subjetivo que permite modular<sup>32</sup> a quantidade.

A problemática do sentimento de vida desde esta perspectiva não é outra questão que a descrição das vicissitudes do sujeito em torno do processo de poder apropriar-se de sua vida afetiva. A apropriação do afeto constitui nesta medida a possibilidade do Eu por matizá-lo, seja: 1) desde as repartições quantitativas segundo o princípio de prazer-displacer ou 2) subjetivá-lo em termos de fazê-lo próprio, significa-o segundo o próprio sistema de representações autoconservativas e autopreservativas; sendo esta última a que realmente cobra valor na história-relato do sujeito. Isto quer dizer que o matiz afetivo produzido pelo sistema de representações de si em termos de uma significação, não é o mesmo matiz afetivo como primeira orientação que faz o princípio de prazer-displacer em relação às quantidades. Sendo ambos os processos que matiza as quantidades, no caso do segundo, está implícito a intervenção do sujeito da reflexão capaz de significar as próprias vivências de si com o mundo e os outros.

Nesta linha de trabalho se coloca por enquanto dois níveis características destes processos de ligadura segundo seja o estatuto que adquire o matiz afetivo produzido:

O primeiro nível da ligação segundo o modelo das origens do aparato psíquico, entende-se como uma primeira repartição-qualificação do quantum de afeto que, após as ações materiais exercidas pelo outro semelhante clivado em relação à situação antropológica fundamental

31 Destaca-se a importância das problemáticas da *vitalidade psíquica* na obra de D. Maldivsky (1992), especialmente, os desenvolvimentos sobre a qualificação da vida afetiva e a noção de *matiz afetivo* que introduz para dar conta da efetividade do que ele denomina -seguindo uma hipótese freudiana endogensita- como consciência inicial. Destaca-se então a importância dos desenvolvimentos em Maldivsky acerca da perturbação do sentimento de estar vivo no marco de suas preocupações teóricas referidas ao que ele denomina como o campo das patologias tóxicas

e traumáticas. Se bem que retomemos de seus desenvolvimentos a problemática a respeito da perturbação do sentir vivo associada à dificuldade para produzir o que ele chama o *matiz afetivo*; no entanto, se nos distanciamos do seu modelo metapsicológico de base na medida em que o matiz afetivo nessa teoria é produzido por uma consciência inicial neuronal em contingência com o biológico, e desde este marco se tenta pensar ao matiz afetivo nas origens do sujeito desde as ações materiais do outro adulto cuidado.

32 Isto significa que o *quantum de afeto* (Freud, 1895) adquire diferentes possibilidades de qualificação segundo sejam os modos de resolução de determinada excitação a resolver e os desenlace a definir no aparelho, os quais podem definir-se, por exemplo, a partir da articulação de 1) um afeto e uma representação ou 2) a articulação por après coup entre dois complexos representacionais ideativos.

do filhote de homem<sup>33</sup>, permite que se organizem segundo o princípio do prazer/displacer vias colaterais como primeiras formas de inscrição, mesmo antes de haver uma consciência no sentido cliché. No entanto, neste sentido, ainda não é possível detectar uma qualificação que esteja articulada a categorias discursivas.

Uma vez que se tenha produzido a possibilidade de se poder categorizar discursivamente essas qualificações por parte de um sujeito localizado e articulado a uma consciência que se organiza a partir de categorias significantes, é possível definir um segundo nível de complexidade do matiz afetivo enquanto o trabalho de ligação já está comprometendo a eficácia da significação que outorga a qualidade de uma experiência afetivamente potável e significativa para o sujeito. Este nível da ligação psíquica é próprio do sujeito reflexivo com capacidade de auto-teorizar sobre sua própria vida afetiva.

Voltando sobre o anteriormente dito, a problemática central para pensar a emergência de um sentimento de vida não é em si o processo de qualificação como tal, mas é necessário advertir que se trata de um processo que pode definir-se segundo dois tipos de trabalho de ligação psíquica que produz o matiz afetivo: o primeiro definido desde o modelo do psiquismo infantil incipiente onde as vias colaterais são constituídas como formas primeiríssimas de ligadura e pré-requisitos para a constituição de um Eu capaz de realizar outro tipo de ligadura, agora entendida desde um princípio discursivo-significante que pode dar conta do posicionamento de um sujeito reflexivo ante a consciência.

A experiência de vitalidade nestes termos está exclusivamente produzida sobre a vida representacional, e nessa medida, se define como um processo que alude à apropriação simbólica de habitar um corpo vicariado yoticamente. Deste modo, as falhas a nível da ligação (seja pela impossibilidade de repartir as quantidades segundo o princípio de prazer-displacer ou pela queda do sujeito e a impossibilidade de produzir significação) dão conta -como acontece em certas formas psicossomáticas posteriores a traumatismos graves- da falha permanente que representa a impossibilidade de inscrever uma forma estável de organização das excitações no interior do psiquismo, o que leva a uma importante dificuldade no sujeito para qualificar a experiência de suas vivências ao longo de seu trajeto vital.

33 A problemática da qualificação dos afetos como pré-requisito para a produção de um sentimento de vitalidade no Eu, deve ser articulada num modelo que inclua a importância da presença do outro adulto clivado nos processos de humanização que outorgam a qualificação da vida afetiva, tanto nas origens como mais tarde através dos vínculos intersubjetivos. Quanto às origens, são insuficientes as montagens biológicas do filhote de homem para produzir uma capacidade inata para qualificar a vida afetiva, senão pelas

*ações humanizantes e materiais que exerce o outro como adulto clivado a cargo* (Bleichmar, 1993). No princípio da vida não há possibilidade de constituir a experiência do *sentir-se vivo* sem antes *ter-se sentido vivo para outro*. Diz Bleichmar (1993) *“Era necessária uma mãe que, como um demiurgo, insuflasse amor no seu encorajamento para que o filhote humano se tornasse realmente humanizado, com «consciência de si» e possibilidade de se mitificar a si mesmo”* (P30).

O matiz afetivo (e com isto suas vicissitudes) nesta ordem de idéias também deve ser entendido segundo seja o predomínio dos níveis com os quais se produz a ligação psíquica. Assim, é necessário definir o sentimento de vida a partir do reposicionamento da qualidade como patrimônio do sujeito (S. Bleichmar, 1993). Isto significa que a significação como qualidade é patrimônio do sujeito reflexivo que pode produzir uma *experiência afetivamente significativa*<sup>34</sup>. Que o patrimônio da qualidade seja posto no sujeito da reflexão<sup>35</sup> é com o propósito de recuperar uma tradição de problemáticas no campo da filosofia<sup>36</sup> a respeito da diferença entre «Erlebnis» e «Erfahrung» traduzidos como *vivência* e *experiência* respectivamente. Nesta linha, S. Bleichmar (2022) propõe definir que *há experiência quando há um sujeito que pode estabelecer um conhecimento-reflexão sobre as vivências* (P40).

## VI. Vicissitudes da tópica do Eu: articulação/desarticulação do sujeito cogitativo e a consciência na experiência do sentimento de vida

Nos desenvolvimentos anteriores definiu-se o processo de qualificação dos afetos mediante a produção do matiz afetivo como ação inexorável para qualquer possibilidade de produzir na tópica do Eu a experiência do sentimento de vida. No entanto, é necessário interrogar quais são as especificidades com que o sujeito reflexivo, o eu como articulador

34 Fundado de um modelo de psiquismo do traumático e da simbolização. Isto quer dizer que é um sentimento que ocorre em relação aos diferentes destinos possíveis que podem dar-se ante o traumático da pulsão e a realidade histórica social.

35 Novamente o que se propõe aqui é a recuperação do reposicionamento de um sujeito reflexivo que possa fazer continuidade da experiência de existir desde as garantias temporais e espaciais que proporciona as articulações lógicas do preconcientes a partir das quais o a pessoa pode ser fixada e posicionada. É assim que *tempo e espaço não são possíveis em termos de categorias se não estiver instalado um eu que possa discriminar e fazer a continuidade da experiência, e que se localize como um lugar no espaço a partir do qual o espaço adquire sentido* (S. Bleichmar, 1998, P256).

36 Distinção rastreável no interior de uma série de problemáticas que derivaram da filosofia alemã e que bem podem ser localizáveis na tese hegeliana da *Fenomenologia do espírito* de 1807 referida a que *tudo depende deste ponto essencial: apreender e expressar a Verdade, não como substância, mas também e precisamente como sujeito*. Daqui surge um campo de problemáticas em relação à diferença entre «Erlebnis» e «Erfahrung» como dois termos alemães que disputam dois campos semânticos distintos; questão que retoma entre muitos outros: W. Dilthey, I. Kant; a filosofia vitalista de F. Nietzsche, H. Bergson; W. Benjamin; G. Agamben; e na discussão psicanalítica S. Freud e especialmente uma linha contemporânea da psicanálise na América Latina têm articulado a discussão em relação à experiência de catástrofes sociais nesta perspectiva como bem poderia mencionar-se apenas algumas como têm foi A. Berezin, S. Bleichmar, M. Wikinski, entre outras.

libidinal e a consciência como lugar de produção da qualidade; todos eles<sup>37</sup> intervêm para a produção de um sentimento de vida.

A experiência do sentimento de vida a partir desta perspectiva é um problema que corresponde, em princípio, à tópica do Eu e, portanto, às instâncias ideais e à realidade histórica social. Neste ponto, aquilo que está em jogo é a pergunta por qual é o posicionamento do *sujeito de cogitação* (S. Bleichmar, 2010) ante o embate com o real exterior ao aparelho. Se a idéia de um sujeito de *inconsciente* (atravessado-afetado pelo inconsciente e não um sujeito *do* inconsciente) está-se definindo claramente que se trata de um *sujeito reflexivo* que está sempre do lado da consciência e que é o encarregado na tópica do Eu de produzir os estados do *sentir*<sup>38</sup>.

Nesta medida, a questão não pode ser outra que questionar; O que acontece com a qualificação dos afectos (e portanto com o sentimento de vida) quando o modelo de realidade social se constitui como o espaço idóneo para favorecer a ruptura dos direitos humanos e com isso a produção constante de acontecimentos potencialmente desestruturantes para a preservação da vida psíquica e arrasadora para todos aqueles enunciados identificatórios nos quais as subjetividades afirmam seu direito a existir?

37 A respeito da especificidade que define os diferentes elementos da tópica do Eu, S. Bleichmar (1998) propõe a respeito: *Seguimos Freud em uma de suas idéias mais fecundas: aquela relativa à existência de um inconsciente em sua materialidade, em seu realismo, e ao eu como uma estrutura com permanência, articulada. Trata-se de conservar as diferenças entre o eu, o sujeito e o inconsciente, respeitando as qualidades de cada um deles. A permanência do eu como matriz simbólica, relacionada com identificações e com investimentos, manifesta-se na estrutura discursiva mas está além do exercício do discurso: alguns de seus enunciados se coagulam e formam parte do tecido básico que o constitui. Trata-se de conservar o eu como lugar que define a possibilidade de que os enunciados se formulem ou se velem, e o sujeito, como diria Heidegger, como o que pode interrogar-se pelo ser, definir-se na sua existência, não é concebível sem a articulação entre o eu e o inconsciente. (P19-20) (...) A consciência implica uma relação com o mundo e um reconhecimento da própria existência (p339)*

38 É conveniente voltar nestes termos à discussão freudiana (1915) em torno da ambiguidade que encerra a expressão de *sentimentos inconscientes*. Em primeiro lugar, não é correto falar de sentimentos inconscientes já que em todo caso seriam o resultado da volta do reprimido e não realmente que exista uma materialidade afetiva de tipo inconsciente. Retifica por isso Freud (1915): É que o fato de que um sentimento seja sentido, e, portanto, que a consciência tenha notícia dele, é inerente à sua essência. (P173).

Introduzir uma proposta sobre o modelo patognomónico do estado de perturbação do sentimento da vida, nesta perspectiva, remete a modalidades do sofrimento psíquico<sup>39</sup> atuantes em certas situações sejam estruturais ou circunstanciais onde o Eu se vê impedido de produzir ligações e impossibilitado de produzir regulações que consigam articular sistemas representacionais ao nível da significação dos eventos histórico-vivenciais, tais como acontece nos processos de des-identificação, des-subjetivação e des-filiação que sofre a tópica do Eu.

O estatuto de *perturbação* indica um estado de *desarticulação* do Eu, do sujeito e do Pré-consciente, onde resulta não só insuficiente mas sofredor para o sujeito a incapacidade de “reordenar o traumático não só na ordem de uma concatenação, mas também de um significado” (2020, p184). Nesta perspectiva, entende-se que a perda da *consciência do si mesmo* se assume como “perda da noção da autoridade do sujeito sobre a ação que se pode produzir também em situações traumáticas graves” (P400).

A perda da autoridade do sujeito reflexivo, como encarregado do posicionamento do Eu em uma continuidade representacional da própria vida, é o resultado de um estado franco de desarticulação do Eu, do sujeito e da consciência<sup>40</sup>. Um exemplo deste processo de desarticulação produzido no interior de traumatismos sociais por causa da violência social é representado fielmente pelas narrativas testemunhais<sup>41</sup> de muitas vítimas destes processos de desmantelamento subjetivo, neste caso, do conflito armado colombiano. Neste sentido, os efeitos sofridos pelas vítimas de traumatismos sociais parecem advertir que essa desarticulação parcial do Eu, o sujeito e a consciência; é o resultado da exigência imposta pelos dispositivos de precariedade da vida que impõe ao Eu uma perda e uma conseqüente resignação de aspectos substanciais de seu ser em troca de poder sobreviver em termos de *vida* biológica.

39 Além do fato de serem versões europeizadas da experiência de desenraizamento psíquico (e com isso as significações, as condições materiais e os determinantes sócio-históricos são outros aos ocorridos nas latitudes latino-americanas); são valiosas para exemplificar desde uma linha sociológica de trabalho expressa por Le Breton (2016) a importância que supõe o problema dos efeitos na subjetividade do modelo do capitalismo tardio e uma lógica extrativista “O sentido desaparece, o vazio se apodera de um eu expurgado, mas a morte ainda não chegou. Não é apenas o corpo que é temporariamente suspenso, mas o indivíduo inteiro, e especialmente seus pensamentos, suas apostas vitais, sua relação com o mundo. O universo de representações que o inundam permanentemente se interrompe ou se turva, a mediação de sentido se relaxa. O eu desaparece no blank (em inglês, o espaço não ocupado, vazio). Mantém sua existência como uma página em branco para não se perder ou correr o risco de se envolver, de ser afetado pelo mundo” (P16).

40 Menciona S. Bleichmar (2022): *A discordância que há entre aquilo que foi da ordem da inscrição histórico-vivencial no plano do sujeito e aquilo que é capaz de significá-lo, onde ficou um hiato. Em geral, como não há traumatismos tão severos nestes hiatos, mas que podem ser retranscritos, retomados ainda que seja em parte, são de alguma forma reabsorvidos pelo tecido psíquico. Mas em outros casos não.* (P58).

41 Extraído do livro compilado (2013) de narrativas testemunhais de mulheres vítimas do conflito na Colômbia intitulado *A verdade das mulheres. Vítimas do conflito armado na Colômbia. Tomo I*: “O que aconteceu reflete-se no meu corpo porque eu sinto um vazio, sinto-me só, vazia, muita tristeza, muita dor com o que aconteceu. Autoestima muito baixa, muita tristeza, muito triste às vezes me encontro (...) O que senti é que já não sou a mesma de antes, sou uma pessoa amarga, não saio não me reúno, me rebaixou a autoestima, sou uma pessoa que já não sou a mesma de antes (...) é algo que o marca para toda a vida e o destrói”

Nestes termos, coloca-se que é o *trabalho psíquico de sobreviver*<sup>42</sup> a causa determinante das formas de desmantelamento do Eu “*São as duas formas nas quais o eu pode ser desarticulado. Quero dizer que são os dois grandes eixos dos traumatismos: o que põe em risco a possibilidade de ser o que se é e o que põe em risco a possibilidade de viver*”. (S. Bleichmar, 2020, p148). O alto custo por manter-se com vida nos dispositivos de precarização da subjetividade, não é outro que o pagamento em termos do sofrimento psíquico que implica a perturbação do mais genuíno do vivo humano, e isto é: o carácter falhado em que a capacidade do sujeito para produzir um sentimento sobre a sua própria vida permanece. As fontes desta perturbação no sentimento de vida o constituem todas aquelas formas espontâneas de reequilíbrio que descrevem melhor a emergência de um processo descrito como *cicatrização queloide* (Bleichmar, 2005) como tentativa falhada de elaboração ante a hemorragia psíquica produzida pela efectividade do traumatismo. A descrição de processos psíquicos de cicatrização queloide ante traumatismos graves representa o correlato de estados de perturbação no sentimento de sentir-se vivo, caracterizado por *zonas de insensibilização, zonas de dificuldade para o intercâmbio com o exterior* (2005) muitas vezes expressado através de uma rigidização do carácter, estados abúlicos e um empobrecimento debilitado psíquico. Desta maneira, toda perturbação no sentimento de vida é perda da capacidade por parte do sujeito de produzir processos *auto-teorizantes, auto-simbolizantes e auto-historizantes* (S. Bleichmar citando a Laplanche, 2020). A perturbação do sentimento de vida é, portanto, um dos efeitos da destituição e da degradação nos processos de qualificação que não permitem fazer da experiência -enquanto lugar de produção da verdade histórica vivencial do sujeito psíquico- um estado afetivamente significativo que seja o eixo orientador no sentimento de continuidade da existência da tópica do Eu.

---

42 Nesta linha A. Berezin (2010) menciona:  
*poder-se-ia falar de “necessidades básicas”  
humanizantes sem as quais se trata também de  
“sobreviver” psiquicamente, e isto implica um  
trabalho psíquico diferente do que se põe em jogo  
quando as condições permitem o desdobramento e  
a realização de uma vida não ameaçada. (p64).*

## VII. Em modo de fechamento

Embora a saída para os grandes traumatismos colectivos deva ser por meio da produção de memórias colectivas, O verdadeiro *subversivo* da psicanálise é o valor transformador que outorga o *trabalho psíquico* para recuperar segundo as possibilidades sociohistóricas a capacidade de *se sentir vivo*. Isto significa: fabricar pensamentos, produzir simbolizações, pensar pensamentos-afetos e transformar realidades a partir de novos locais subjetivos como forma de combater o destrutivo que perturba no sujeito o acesso à possibilidade de *habitar, sentir e pensar a vida*<sup>43</sup>.

43 Valiosos são aqueles que nos amam; os momentos efêmeros que compartilhamos com eles são a compensação de muitos de nossos sofrimentos; ampliam nossa vida (Ralph W. Emerson). Este texto é dedicado às infâncias e adolescências vítimas do conflito armado na Colômbia, aos meus pacientes e a Luis Alfonso Villegas. Porque foram eles, que em meio de seu desgosto ante as piores experiências da crueldade e da violência, ensinaram-me com generosidade e tenacidade o valor de defender a própria voz que representa o vivo que nos habita a cada um como maneira de resistir ao silêncio que impõe a violência destrutiva do semelhante.

### Referências Bibliográficas

- Ahmed, S. (2019). *A promessa da felicidade. Uma crítica cultural ao imperativo da alegria*. Buenos Aires, Ed: Caja Negra.
- Almario, O. (2004) *Dinâmicas e consequências do conflito armado colombiano no Pacífico: limpeza étnica e desterritorialização de afrocolombianos e indígenas e "multiculturalismo" de Estado e indolência nacional*. Em: Restrepo, E. (2004) *Conflicto e (in) visibilidade. Desafios nos estudos do povo negro na Colômbia*. Ed. Universidade del Cauca
- Agamben, G. (2004). *Infância e história. Destruição da experiência e origem da história*. Buenos Aires. Adriana Hidalgo, Ed.
- Berezin, A. (2013). *Desafios nas Fronteiras: Crônicas de Sete Anos de Trabalho com Refugiados*. Buenos Aires. Psicolibro, ec.
- Beckett, Samuel. *Esperando Godot*. Miguel Hidalgo, México: Tusquets Editores México, 2009.
- Bleichmar, S. (1993) *A fundação do inconsciente: destinos de pulsão, destinos do sujeito*. Buenos Aires: Amorrortu Editores
- Bleichmar, S. (2003). "Conceituação de catástrofe social. Limites e encruzilhadas". Em: Clínica psicoanalítica ante as catástrofes sociais. La experiencia Argentina. Buenos Aires: Paidós.
- Bleichmar, S. (2005). *Entrevista a Silvia Bleichmar* por Amanda Cueto. En: sigma <https://www.elsigma.com/entrevistas/entrevista-a-silvia-bleichmar/8006>.
- Bleichmar, S. (2002). *Dolor País*. Buenos Aires: Zorzal Ed
- Bleichmar, S. (2007). *Dor país e depois*. Buenos Aires: Zorzal Ed

- Bleichmar, S. (2010a). *Psicanálise Fora dos Muros. Posta à prova frente do traumático*. Buenos Aires. Ideas, Ed.
- Bleichmar, S. (2010b). *O desmantelamento da subjetividade*. Buenos Aires. Topia, Ed.
- Bleichmar, S. (2020) *A psicanálise em debate. Diálogos com a história, a linguagem e a biologia*. Buenos Aires: Paidós.
- Bion, W. (1967) *Pensando de Novo*. Buenos Aires: Ed. Horme, 1977.
- Butler, J. (2006). *Vida Precária. O poder do luto e da violência*. Buenos Aires, Paidós Ed.
- Canguilhem, G. (1968 [1958]). *Estudos de história e de filosofia das ciências*. Buenos Aires, Ed: Amorrortu.
- Castoriadis, C. (1997). *O Imaginário Social Instituyente*. Zona Erógena. N° 35.
- Derrida, J. (1990). *Mémoires d'aveugle. L'autoportrait et autres ruines*. Paris, Editions de la Réunion des Musées Nationaux.
- Estévez, Ariadna. (2018). Biopolítica e necropolítica: constitutivos ou opostos?. *Espiral (Guadalajara)*, 25(73), 9-43. <https://doi.org/10.32870/espiral.v25i73.7017>
- Fisher, M. (2016). *Realismo capitalista*. Buenos Aires. Caja Negra, Ed.
- Freud, S. (1895). *O projeto de uma psicologia para neurólogos*. Em: *Obras completas*, Vol. I. Buenos Aires: Amorrortu Editores. 1950.
- Freud, S. (1915). *O inconciente*. En: *Obras completas*, Vol. XIV. Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- Freud, S. (1916). *CONFERÊNCIAS INTRODUTÓRIAS À PSICANÁLISE*. Parte III. En: *Obras Completas*, Vol. XVI. Buenos Aires: Amorrortu
- Foucault, M. (2006b). *Segurança, território, população*. México: Fundo de Cultura Econômica
- Garcia, M. (2020). *Parque das ruínas*. Ed. Mandacaru.
- Green, A. (2000). *A crise do entendimento psicanalítico*. Em: *O pensamento clínico*. Buenos Aires. Amorrortu, Ed.
- Guattari, F. (1992) *Linhas de fuga. Por outro mundo possível*. Buenos Aires: Cactus Ed.
- Guattari, F., Rolnik, S. (1990). *Micropolíticas. Cartografias do desejo*. Ed: Traficante de sueños
- Human Rights Watch (2003). *Você aprenderá a não chorar*. Nova York, setembro.
- Klimovsky, G. (1994). *As desventuras do conhecimento científico*. Buenos Aires: A-Z Editorial.
- Klimovsky, G. (2008). *Minhas diversas existências*. Buenos Aires: A-Z Editorial.
- Kuhn, T., (1992). *A estrutura das revoluções científicas*, Buenos Aires, FCE.
- Laplanche, J. (1987). *"A situação psicanalítica: o descritivo e o prescritivo"*. La Cubeta. Transcendência da transferência. *Problemática V*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Le Breton, D. (2016). *Desaparecer de si: uma tentação contemporânea*. Ed: Siruela.
- Maldavsky, D. (1992). *Teoria e clínica de processos tóxicos. Vícios, afecções psicossomáticas, epilepsias*. Buenos Aires. Amorrortu, ed.
- Muñoz Onofre, Darío Reynaldo. (2014). Gubernamentalidad bélica: potências de um conceito localizado para pensar as guerras contemporâneas. *Nômadas*, (41), 203-219. Recuperado em 31 de março de 2022, da [http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0121-75502014000200013&lng=es&tlng=es](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-75502014000200013&lng=es&tlng=es).
- Mbembe, A. (2011). *Necropolítica*. Espanha: Melusina.
- Onofre, D.R. (2014). *Governamentalidade bélica: potências de um conceito localizado para pensar as guerras contemporâneas*. *Nômadas* [online], Bogotá, *Nômadas* n.41.
- Oslender, U. (2008). *Geografias do terror: um marco de análise para o estudo do terror*. Revista eletrônica de geografia e ciências sociais. Universidade de Barcelona. 21.741-98. Vol. xii, n. 270 (144).
- Pessoa, F. (2004) *Livro do Desassossego* Buenos Aires, Ed: Pre-textos.
- Puget, J. & Kaes, R. comp (2006). *Violência de Estado e psicanálise*. Buenos Aires: Lumen
- Restrepo, E. (2004) *Conflicto e (in) visibilidade. Desafios nos estudos do povo negro na Colômbia*. Ed. Universidad del Cauca.
- Rodríguez Rafaelli, N. comp. (2018). *A dor social do nosso tempo*. Buenos Aires, Lugar Ed.
- Segato, Rita. (2016). *As estruturas elementares da violência. Ensaio sobre gênero entre a antropologia, a psicanálise e os direitos humanos*, Buenos Aires, Prometeo.
- Sennett, R. (2000), *A Corrosão do Caráter*. Anagrama, Barcelona.
- Uribe, A. (2005). *O fantasma Pinochet*. Em: René Major (dir.). *Estados gerais da psicanálise. Perspectivas para o terceiro milênio*. Siglo XXI Editores Argentina.
- Varela F, Thompson E, Rosch E. (1992). *De corpo presente. Ciências cognitivas e experiência humana*. Barcelona, Ed. Gedisa.
- Viñar, M. (2011). *O enigma do traumatismo extremo*. Em: *Revista Uruguia de Psicanálise*. (Em linha 113. pp. 55-66). Recuperado em: <http://www.apuruguay.org/apurevista/2010/16887247201111304.pdf>
- Waisbrot, D., Wikinski, M., Golfo, C., Slucki, D. y Toporosi, S. (2003) (compiladores). *Clínica psicanalítica diante das catástrofes sociais. A experiência argentina*. Buenos Aires: Paidós.